

# AMOR & SORTE



∞ JENNA EVANS WELCH ∞

Autora de Amor & gelato

# AMOR & SORTE

Jenna Evans Welch

Tradução de Flora Pinheiro



Copyright © 2018 by Jenna Evans Welch  
Publicado originalmente nos Estados Unidos por Simon Pulse, um selo de  
Simon & Schuster Children's Publishing Division, Nova York, NY

TÍTULO ORIGINAL  
Love & Luck

PREPARAÇÃO  
Anna Beatriz Seilhe  
Carolina Vaz

REVISÃO  
Marcela Ramos

DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE E ILUSTRAÇÃO DE CAPA  
© 2018 by Karina Grande

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Antonio Rhoden

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W471a

Welch, Jenna Evans, 1986-  
Amor & sorte / Jenna Evans Welch ; tradução Flora Pinheiro. - 1. ed.  
- Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.  
272 p. ; 21 cm.

Tradução de: Love & luck  
Sequência de: Amor & gelato  
ISBN 978-65-5560-008-7

1. Ficção americana. I. Pinheiro, Flora. II. Título.

20-63956

CDD: 813  
CDU: 82-3(73)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

[2020]

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

*Para Nora Jane,  
que possui dois pés excepcionalmente corajosos e um sorriso com  
uma única covinha, que iluminou minha escuridão por mais de  
um ano. Este é para você, minha menininha.*



Cara leitora de coração partido,

O que você imagina quando falam de uma viagem pela Irlanda? Um monte de gente cantando e bebendo em um pub barulhento e mal iluminado? Passeios por castelos antigos cheios de musgo? Correr descalça por um campo de trevos de quatro folhas? Ou talvez a velha música de Johnny Cash sobre os quarenta tons de verde: "*green, green, forty shades of green.*"

Seja lá o que tiver imaginado, pobre alma apaixonada, posso afirmar que  *você está enganada*. O que não quer dizer que você não vai acabar cantando "All for Me Grog" aos berros em uma pequena taverna em Dublin ou que não vai passar algumas tardes tropeçando por terrenos de castelos cheios de poças, mas sim que essa viagem vai ser, sem sombra de dúvida, *ainda melhor do que qualquer coisa que tenha imaginado*. Não acredita em mim? Pois espere só até estar na beirada das Falésias de Moher, os cabelos se embaraçando ao vento, o coração martelando como um tambor. Aí a gente conversa.

Sei que você passou por poucas e boas, sua manteiguinha derretida, então vou explicar melhor. Você está prestes a se apaixonar por um lugar que não só vai curar seu coração partido como também vai desafiá-la de todas as

maneiras imagináveis. Abra sua mala, sua mente e, acima de tudo, este guia, pois não sou apenas uma especialista imbatível em Irlanda, também sou uma especialista imbatível em corações partidos. Sou tipo uma guia dois em um. E não tente fingir que não precisa de mim. Nós duas sabemos que existem milhares de guias de viagem sobre a Irlanda, e ainda assim você escolheu este aqui.

Você veio ao lugar certo, docinho de coco. A Ilha Esmeralda pode não ser o único lugar do mundo para curar um coração partido, mas é o melhor.

Acredite.

P.S.: Recentemente, em uma tarde ensolarada no condado de Clare, na Irlanda, contei quarenta e sete tons de verde. E agora, Johnny Cash?

— Introdução de *Irlanda para corações partidos: um guia não convencional da Ilha Esmeralda*, 3ª edição



# Prólogo



## **ESTE É O PIOR VERÃO DE TODOS.**

Foi com esse pensamento que caí. Não foi: *Estou caindo*. Não foi: *Acabei de empurrar meu irmão das Falésias de Moher*. Nem mesmo: *Minha tia vai me matar por estragar seu casamento*. Só: *Este é o pior verão de todos*.

Devo admitir que minha capacidade de raciocínio não estava uma maravilha. E, ao terminar de rolar pelo barranco, eu também não.

Quando parei, meu vestido de grife e eu tínhamos passado por pelo menos dez poças de lama, e eu estava em cima de algo fedorento. Mas as surpresinhas de vaca não eram a pior parte. Em algum ponto da descida, eu tinha batido em algo — com força — e meus pulmões estavam tentando lembrar o que deveriam fazer. *Respirem*, implorei a eles. *Respirem, não é difícil*.

Por fim, consegui respirar. Fechei os olhos, obrigando-me a diminuir o ritmo e a inspirar contando até cinco, como faço sempre que uma pancada me deixa sem fôlego, o que acontece com uma frequência muito maior comigo do que com outras pessoas.

Tenho o que meu técnico de futebol chama de “perfil agressivo”. Em outras palavras, sempre que enfrentamos uma escola

com jogadoras que se parecem com Átila, o Huno, só que de rabo de cavalo, sei que vou permanecer em campo o jogo inteiro. Levar pancadas de tirar o fôlego é uma das minhas especialidades. Mas, em geral, quando isso acontece, estou usando chuteiras e uniforme, não batom e salto alto.

*Cadê o Ian?* Rolei para o lado, procurando meu irmão. Como eu, ele estava caído de costas, o paletó azul-marinho meio aberto, a cabeça virada para a base da colina, na direção de todos os ônibus de turismo no estacionamento. Ao contrário de mim, ele não estava se mexendo.

Nem um músculo.

*Não.* Fiquei de joelhos na hora, o pânico deixando minha visão turva. Os saltos prenderam na bainha do vestido e tentei me soltar, com aquelas cenas de vídeos de primeiros socorros a que somos obrigados a assistir na escola passando pela minha cabeça. Era para começar com o boca a boca? Compressões torácicas? Por que eu não tinha prestado mais atenção na aula?

Estava prestes a me jogar em cima dele quando seus olhos de repente se abriram.

— Ian? — sussurrei.

— Uau — disse ele, em tom cansado, olhando para as nuvens enquanto balançava um braço, depois o outro.

Eu caí de volta no chão, aliviada, lágrimas brotando em meus olhos. Posso ter empurrado meu irmão do topo de um penhasco, mas não o matei. Isso tinha que valer de alguma coisa.

— Continuem andando, pessoal. Olhem para cima. — Fiquei imóvel. A voz tinha sotaque britânico e estava muito próxima. — Hag's Head fica um pouco mais adiante. Ah, vejam só, tem um casamento acontecendo lá em cima! Conseguem ver a linda noiva? E... Minha nossa. Acho que ela perdeu uma das madrinhas. Uma baixinha de lavanda. Olá! Você está bem? Caiu, foi?

Eu me virei na hora, o corpo tenso, pronta para explodir com quem tinha acabado de me chamar de “baixinha de lavanda”, mas o que vi me fez querer sumir. Ian e eu havíamos chegado muito mais perto da trilha do que eu tinha percebido, e uma guia de turismo usando um poncho vermelho-cereja e um chapéu de aba larga se aproximava de nós conduzindo um grupo de turistas encantados. Só que nenhum deles olhava para a paisagem deslumbrante ou para a linda noiva — que por acaso era minha tia Mel. Estavam olhando para *mim*. Todos os trinta.

Parecia que nunca tinham visto uma briga no meio de um casamento.

*Aja com naturalidade.*

Eu me endireitei, puxando a saia do vestido para baixo.

— Foi só um tombo! — falei em tom alegre. *Credo*. “Tombo” não fazia parte do meu vocabulário. E que voz feliz e robótica era aquela saindo da minha boca?

A guia de turismo apontou seu guarda-chuva para mim.

— Você acabou mesmo de rolar daquela colina tão alta?

— Parece que sim — respondi, mais uma vez em tom alegre. Não era bem o que eu gostaria de dizer. *Não, só resolvi deitar no esterco.*

Olhei para Ian. Ele parecia estar se fingindo de morto. Muito conveniente.

— Tem certeza de que está bem?

Dessa vez, expressei em minha voz uma boa dose de *por favor, vá embora agora*.

— Absoluta.

Funcionou. A guia fez cara feia e ergueu o guarda-chuva, enxotando o grupo, que, relutante, saiu se arrastando como uma centopeia gigante. Pelo menos eu tinha conseguido me livrar deles.

— Você podia ter me ajudado — falei para o corpo inerte de Ian.

Ele não respondeu. Típico. Nos últimos tempos, tirando os momentos em que tentava me convencer a contar para os nossos pais o que tinha acontecido no verão, ele mal olhava para mim. Não que eu pudesse culpá-lo. Também mal conseguia olhar para mim mesma, e olha que tinha sido eu quem estragara tudo.

Uma gota de chuva pingou na minha bochecha. E mais outra. *Sério? Agora?* Lancei um olhar de reprovação para o céu e levantei o braço, tentando cobrir minha cabeça enquanto avaliava minhas alternativas. Além de procurar abrigo em uma das lojinhas de souvenir, que mais pareciam tocas de hobbits, minha opção era subir a colina e voltar para a festa de casamento e para minha mãe, cuja raiva já emanava pelo campo. E eu não estava nada ansiosa para enfrentá-la.

Escutei as ondas baterem com violência contra as falésias, e o vento trouxe alguns fragmentos das conversas no topo da colina, como tinha feito com os confetes de borboleta que tínhamos jogado alguns minutos antes.

*Você viu?*

*O que houve?*

*Eles estão bem?*

— Eu não estou bem! — gritei, mas o vento engoliu minhas palavras.

Já fazia uma semana e três dias que eu não estava nada bem, desde que Cubby Jones — o garoto com quem eu tinha ficado em segredo o verão inteiro, o garoto por quem eu havia sido apaixonada durante toda a adolescência — tinha decidido esmagar meu coração até virar pó e depois soprá-lo em cima do time de futebol americano inteiro. O time do qual *Ian* fazia parte. Não era de admirar que ele não conseguisse nem olhar para mim.

Então, não. Eu não estava nada bem. E continuaria assim por muito, muito tempo.

Talvez para sempre.

## Wild Atlantic Way

Sou eu de novo, docinho. Vim dar uma dica importantíssima para você que está nos estágios iniciais de planejamento da viagem. Leia com cuidado, porque é uma das poucas regras rígidas que vai encontrar por aqui. Está prestando atenção? Lá vai. *Ao visitar a Irlanda pela primeira vez, sob hipótese alguma comece sua viagem pela capital, Dublin.*

Sei que parece arbitrário. E sei que você acabou de ver uma promoção imperdível para Dublin naquele site de viagens que tem rondado como um urubu a semana toda, mas acredite em mim. Há muitas razões para seguir esse conselho, sendo a principal delas a seguinte:

Dublin é uma cidade *sedutora feito o diabo*.

Eu sei o que você vai fazer agora, coisinha linda. Vai tentar argumentar, dizendo que o diabo não é lá muito sedutor, ao que eu responderia que o inferno é um excelente lugar para conhecer pessoas interessantes. Fora que aqueles lagos de fogo seriam perfeitos para aquecer os músculos e eliminar o estresse.

Mas não vamos desviar do assunto.

Imagine que você é seu par de brincos favorito, aquele desaparecido desde as comemorações de Ano-Novo. Agora imagine que Dublin é um aspirador de pó. Se chegar perto demais dessa cidade, ela vai sugar você e não haverá esperança de escapar intacta. Estou soando um

pouco dramática? Que bom. Usei metáforas demais? Ótimo. Porque Dublin é dramática e digna do uso excessivo de metáforas. É cheia de museus interessantes, estátuas com apelidos hilários e inapropriados e pubs com algumas das melhores músicas do mundo. Aonde quer que vá, você vai encontrar coisas para fazer, ver e provar.

E é aí que está o problema.

Muitos turistas vão para Dublin com planos de passar um ou dois dias e depois se dedicar ao restante da Irlanda. E muitos se veem, uma semana depois, dando sua nonagésima volta em Temple Bar, carregando dois globos de neve com leprechauns dentro e uma sacola cheia de camisetas que custaram o olho da cara — e nada mais.

Típico.

Minha recomendação enfática (ou seria uma ordem?) é começar pelo oeste, mais especificamente no Wild Atlantic Way. E, ainda mais especificamente, em Burren e nas Falésias de Moher. Em breve vamos falar mais sobre isso.

DEVER DE CASA: *Surpresa!* Enquanto desbravamos essa ilha selvagem, vou propor pequenas atividades pensadas para deixá-la ainda mais encantada pela Irlanda e, com um passo de cada vez, tirá-la desse fundo do poço, onde está mergulhada em mágoa. A primeira atividade? Continuar lendo. É sério. É só continuar a leitura.

— Trecho de *Irlanda para corações partidos: um guia não convencional da Ilha Esmeralda*, 3ª edição



Addie está visitando a Irlanda com a família e tentando aproveitar a paisagem verdejante para não pensar em seu coração partido. Porque, assim que voltar aos Estados Unidos, ela vai ter que enfrentar as consequências do fim terrível de seu romance de verão. Até lá, só quer relaxar enquanto os pais não descobrem o que aconteceu. Mas Ian, seu irmão mais velho, sabe de tudo e não a deixa em paz. Agora os dois, que sempre foram próximos, não param de brigar.

Tudo muda quando Addie descobre que Ian também está guardando segredos. Depois de uma série de imprevistos, em vez de ir visitar Lina, sua melhor amiga, na Itália, Addie se junta ao irmão em uma inesperada viagem de carro. O motorista é Rowan, um irlandês simpático (e bonitinho) que dirige, feito um louco, uma lata-velha apelidada de Trevo.

Nessas circunstâncias nada favoráveis, Addie conta apenas com um guia de viagem roubado da biblioteca do hotel, *Irlanda para corações partidos*, e torce para que os conselhos do livro realmente funcionem. Se a Ilha Esmeralda der tanta sorte quanto dizem, talvez ela consiga fazer as pazes com o irmão e, quem sabe, se apaixonar de novo.

**Saiba mais em:**

[www.intrinseca.com.br/livro/985/](http://www.intrinseca.com.br/livro/985/)

